



Entrega de propostas até 3 de março

Millennium bcp coloca em venda o quarteirão de D. João I por 27,5 milhões de euros

Pág. 5



Ivone Rocha, advogada
Of Counsel da TELLES

“O Estado tem de reduzir o seu consumo em 30%, mas está a dar só agora os primeiros passos”

Pág. 4

Com 12 mil imóveis vendidos

ERA tem o melhor ano de sempre com faturação a crescer 30%

Pág. 7



João de Castro Guimarães,
diretor-executivo da GS1 Portugal

“Edifício do Centro de Inovação e Competitividade evidencia o percurso de 30 anos da GS1 Portugal”

Pág. 8



Notícia

João de Castro Guimarães, diretor-executivo da GS1 Portugal, destaca

“Edifício do Centro de Inovação e Competitividade evidencia o percurso de 30 anos da GS1 Portugal”

Ao talento, irreverência, profundidade e consistência do trabalho do Vhils, a GS1 Portugal quis evidenciar aquilo que a distingue num percurso de mais de trinta anos após a sua criação: engenho, inovação, diversidade. O resultado não poderia ser melhor: um projeto que representa a primeira intervenção edificada não destrutiva do Vhils, em 49 painéis artísticos com oito metros de altura.

Elisabete Soares
elisabetesoes@vidaeconomica.pt

Quais os aspetos que se destacam no projeto e que o tornam tão inovador do ponto de vista arquitetónico?

Aproveito, em primeiro lugar, para referir que a inauguração do Centro de Inovação e Competitividade (CIC), a 14 de Novembro de 2016, representou a concretização de um compromisso de “colaboração e partilha” entre a GS1 Portugal e os seus quase oito mil associados e stakeholders institucionais e de negócio. Sendo este um polo de conhecimento e interpretação sobre a eficiência das cadeias de valor, de antecipação de tendências e apoio à eficiência dos negócios, queríamos que todo o edificado da nossa nova casa, que é também a casa dos nossos associados, refletisse esse espírito de colaboração e partilha. Daí esta simbiose fundadora entre standards, arte e tecnologia. Por um lado, queríamos um espaço e um edifício capaz de acolher uma equipa, projetos e valências multidisciplinares, já que o mesmo celebra e promove os standards e as boas práticas empresariais em Portugal numa multiplicidade de setores; por outro, pretendíamos um espaço e um edifício que conciliasse a componente tecnológica (associada à nossa atividade) com uma arquitetura funcional, fluida e aberta, mas integrando ainda um elemento de arte disruptivo e pouco usual em espaços desta natureza.

O objetivo foi criar um edifício inovador, mas acolhedor?

Da mesma forma, uma vez que esta é a casa dos nossos associados, quisemos ainda criar um ambiente acolhedor no seu interior e conferir-lhe uma certa noção de portugalidade, evidente na escolha da cortiça enquanto material de revestimento das paredes. No fundo, ao talento, irreverência, profundidade e consistência do trabalho do Vhils, quisemos evidenciar aqui aquilo que distin-



gue a GS1 Portugal, mais de trinta anos após a sua criação: engenho, inovação, diversidade. Convém, finalmente, sublinhar que o centro de inovação é também um centro interpretativo ‘vivo’, inovador e iterativo, dedicado aos standards GS1, e uma proposta, únicos a nível global na comunidade GS1 em serviço e inovação – algo que encontramos em apenas 1% das suas organizações-membro.

Qual o contributo dos painéis artísticos de Alexandre Farto (VHILS) para tornar o edifício uma obra de arte?

Citando Pedro Appleton, responsável pelo projeto de arquitetura do atelier Promontorio, esta colaboração com o Alexandre Farto visou “colar a obra do Vhils ao próprio edifício, através de uma inovadora tecnologia de painéis pré-fabricados, para construir um mural que se vai compondo e decompondo à passagem pelo edifício. O edifício tem uma dualidade: por um lado, está encerrado, mostrando uma história quase de códigos de barras, mas, à medida que o vamos circundando, vai-se perdendo esse alcance pictórico da obra e vai-se tornando cada vez mais

edifício, mais arquitetura. Em determinado sentido, torna-se até transparente, relacionando-se plenamente com o paisagismo existente e consolidado do parque tecnológico”. Em suma, “a obra do Vhils e o edifício acomodam-se um ao outro”, ou, como notou o próprio Vhils, “a ideia passou por criar uma peça que, tal como a GS1, se codifica e des-

codifica, uma peça que a cada minuto do dia se altera e é única”. O resultado está à vista: a primeira intervenção edificada não destrutiva do Vhils em 49 painéis artísticos com oito metros de altura e oito toneladas



O que é a GS1 Portugal

A GS1 Portugal – CODIPOR - Associação Portuguesa de Identificação e Codificação de Produtos – é a entidade que introduziu os códigos de barras em Portugal há 30 anos. É uma organização privada, neutra, sem fins lucrativos e membro da organização global GS1. Fundada em 1985, por produtores e distribuidores, lidera atualmente o desenvolvimento de Normas e Boas Práticas Operacionais, atuando como facilitadora da cadeia de valor.

A GS1 é uma organização global, neutra, multissetorial e sem fins lucrativos que possui mais de 112 organizações-membro e 1,5 milhões de empresas associadas em 150 países.

O edifício tem uma dualidade: por um lado, está encerrado, mostrando uma história quase de códigos de barras, mas, à medida que o vamos circundando, vai-se perdendo esse alcance pictórico da obra e vai-se tornando cada vez mais edifício, mais arquitetura

cada... ou 400 toneladas de betão em painéis.

Em termos tecnológicos quais são as novidades?

No caso dos painéis, estamos a falar de uma tecnologia assente em relevos tridimensionais pensados pelo Vhils e gravados em esferovites, posteriormente betonadas, para criar estes inovadores painéis com oito metros de altura e oito toneladas de betão/cada. No fundo, um processo tão experimental e único como as propostas e os conteúdos que a GS1 entrega aos seus associados há mais de 30 anos.

Quais as preocupações em integrar o edifício na envolvente paisagística do Campus do Lumiar?

Essa era uma questão essencial, tanto em termos arquitetónicos como funcionais. Isto porque, na base deste empreendimento, está a maior proximidade e visibilidade desta organização de standards globais junto da comunidade GS1, mas também junto de todas as comunidades envolventes. Convém não esquecer que o Campus do Lumiar é um complexo empresarial que alberga grandes empresas, mas também micro e PME, um dos grandes focos de atuação da GS1 Portugal.

A nível de construção, o que foi necessário fazer para a obra cumprir os requisitos financeiros, orçamentais e os prazos?

Sem dúvida, era crucial cumprir prazos e custos. E, na medida em que se tratou de uma obra com contornos construtivos inéditos, houve uma necessidade de debater contínua e amplamente as soluções que foram sendo encontradas. Mesmo as decisões que foram sendo tomadas, tiveram de ser tomadas de forma muito rápida e consensualizada, para assegurar a conclusão dos trabalhos nas condições e nos tempos previstos.